

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

### DIRK BOGARDE — ATOR DAS SOMBRAS

8 de Outubro de 2021

## VICTIM / 1961

um filme de BASIL DEARDEN

*Realização:* Basil Dearden *Argumento:* Janet Green, John McCormick *Fotografia:* Otto Heller *Montagem:* John D. Guthridge *Música original:* Philip Green *Direção Artística:* Alex Vetchinsky *Interpretação:* Dirk Bogarde (Melville Farr), Sylvia Syms (Laura), Dennis Price (Calloway), Nigel Stock (Phip), Peter McEnery (Barrett), Donald Churchill (Eddy), Anthony Nicholls (Lord Fullbrook), Hilton Edwards (P.H.), Norman Bird (Harold Doe), Derren Nesbitt (Sandy Youth), Alan MacNaughton (Scott Hankin), Noel Howlett (Patterson), Charles Lloyd Pack (Harry), John Barrie (Inspector Harris), John Cairney (Bridie).

*Produção:* Allied Film Makers-AFM (Reino Unido, 1961) *Produtor:* Michael Relph *Estreia Mundial:* Agosto de 1961, em Londres *Cópia:* DCP, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 100 minutos *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca:* 6 de Fevereiro de 2010 (“História Permanente do Cinema”).

---

VICTIM de Basil Dearden é hoje visto como um filme da “pré-história do cinema gay”. Polémico por altura da sua estreia em Inglaterra e inicialmente censurado nos Estados Unidos (pelo uso da palavra “homossexual”) onde só estrearia cerca de um ano mais tarde, VICTIM é um título importante da história do cinema britânico pela sua aproximação ao tema da homossexualidade, pelo próprio debate que incentivou e, consequência dele, pelo papel sociologicamente relevante que desempenhou na liberalização da lei britânica. É impossível dissociá-lo desse seu lastro social, mas importa referir que, inteligentemente construído e interpretado, VICTIM não esgota nele as suas qualidades.

O contexto histórico recorda que até 1967 os actos homossexuais consentidos entre adultos eram proibidos e penalizados pela lei britânica, julgados em tribunal e regularmente cobertos pela imprensa. Desde pelo menos o início dessa década, a noção de que o espírito da lei violava as mais elementares noções de liberdade tinha os seus reflexos no modo como a polícia lidava com as ocorrências, tentando basicamente ignorá-las, mas também incentivava, ou não diminuía, os casos de chantagem. VICTIM é também um filme sobre isso. Algumas das réplicas do agente da polícia responsável são descritivas e elucidativas dos termos da questão, podendo mesmo ser interpretadas como citações do relatório Wolfenden Committee: “As many as 90 per cent of all blackmail cases have a homosexual origin” ou, noutro passo, “a law which sends homosexuals to prison offers unlimited opportunities for blackmail.”

Publicado quatro anos antes, o relatório Wolfenden defendia a descriminalização do “sexo gay”, termo da altura. Realizado vários anos antes da alteração jurídica, o filme de Basil Dearden alinhou pela tese Wolfenden e, defendem muitos, funcionou de facto como um argumento a seu favor, além de ter tido um enorme impacto na comunidade homossexual britânica. A posição foi, aliás, publicamente assumida pelo produtor, Michael Relph, que defendeu explicitamente a alteração da lei. Da perspectiva defendida no filme atesta o próprio filme. Ainda que hoje muitas das cenas, da caracterização das personagens e dos diálogos sejam vistos como púlicos ou mesmo censuráveis (“If only these unfortunate devils would come to us in the first place”, diz o inspector da polícia; “Nature played me a dirty trick”, desabafa o velho barbeiro), ainda que os comportamentos e as atitudes das personagens estejam fatalmente datadas, a verdade é que VICTIM representou um passo arrojado para todos os envolvidos e foi em si mesmo um acto corajoso.

A associação entre Basil Dearden e Michael Relph pautou-se pela consciência social e pelas posições liberais dos seus filmes, assinalando-se que, antes de VICTIM, o currículo de ambos debate, por exemplo, questões raciais em POOL OF LONDON (1951) e SAPPHIRE (1959). Quanto a Dirk Bogarde, que sempre

recordaremos no viscontiano MORTE A VENEZIA (1970), tinha na altura 39 anos e uma carreira de enorme sucesso firmada como actor romântico. Era o actor mais popular do Reino Unido. Quando Dearden e Relph lhe propuseram o filme avisaram-no de que já tinham recebido mais do que uma recusa para o papel protagonista de Melville Farr, tendo Bogarde aceiteo imediatamente e falado da sua decisão mais tarde como “the wisest decision I ever made in my cinematic life”. Mais longamente, numa entrevista da época ao *Daily Mail*: “Percebi que era um risco. Conhecia muita gente que preferia ver-me matar a minha mulher no ecrã do que representar o papel do advogado. Sabia que a classificação X excluiria uma grande fatia do meu público jovem, mas decidi que era um risco que valia a pena correr. Trata-se de uma pessoa real com um problema real. É possível que este filme choque o meu belo e jovem público feminino, mas não é possível fazer filmes só para agradar aos fãs. Não é possível deixar *todos* os filmes adultos e inteligentes aos franceses, aos italianos e aos suecos.”

A questão social de VICTIM assenta na estrutura do thriller, já antes usada pela dupla Dearden-Relph. Do primeiro plano geral sobre o estaleiro de obras que a polícia vai visitar à procura de Barrett até cerca de meia hora de filme, tudo o que sabemos é que a polícia procura um rapaz que por sua vez foge assustado e procura sucessivamente ajuda que lhe vai sendo negada. Sabemos que há dinheiro envolvido, que se trata de uma questão de chantagem, mas a intriga é tratada em termos de suspense. Há, no entanto, um primeiro e óbvio sinal que sinaliza quase imediatamente a questão da homossexualidade de Farr, o elegante advogado londrino que Bogarde compõe: a fotografia da mulher dele, Laura, na secretária do seu escritório onde os olhos da personagem e a câmara se fixam depois de Farr atender – e recusar – o telefonema de Barrett. A proeminência da fotografia no enquadramento de Farr ao telefone é em si mesma indicativa e a fixação nela por uns instantes confirma que o adereço não cumpre uma mera função decorativa ou caracterizadora da personagem dele como um homem casado. Trata-se de um homem casado perturbado pelo telefonema de um jovem rapaz que o procura angustiado e que nesse momento de perturbação se fixa no retrato da mulher.

As várias cenas de discussão entre Farr e Laura são das mais poderosas. É nelas que Farr se submete, por exemplo, aos interrogatórios a que a polícia o poupa, é através delas que sabemos como ele vive o seu passado, como ela o conhece, como a homossexualidade dele é platonicamente vivida e intencionalmente reprimida. A conversa em que Laura o confronta com a morte do rapaz anunciada no jornal é a mais dura das cenas entre os dois e começa verdadeiramente quando ele fecha a porta da sala no mesmo movimento que deixa a cara de Laura na escuridão. Será a cena da confissão de Farr, terrível e dramaticamente representada por Bogarde num momento de antologia do filme: “All right... You want to know... I stopped seeing him because I wanted him! Now what good has that done to you?”

A vítima, o “boy Barrett”, como é quase sempre chamado, enforca-se na cela quando a polícia o prende e ele recusa falar para não denunciar Farr. O “móvil do crime”, sabê-lo-emos mais tarde, é uma fotografia dos dois no carro onde por vezes se encontravam. Nunca a vemos, a não ser no último plano, quando Farr a lança ao lume para ser consumida pelas chamas. Imaginamos o que está estampado na imagem pela expressão das várias pessoas a quem vai sendo mostrada. A melhor e definitivamente mais “british” reacção é a do velho secretário de Farr, William, que mantém toda a compostura e não deixa que o rosto o traia ao mesmo tempo que diz ver as implicações da fotografia mas que esta não pode ser apresentada como prova em parte nenhuma. Pois não, responde-lhe Farr, acrescentando que é justamente essa a tragédia desta história dado que o rapaz não o entendeu. Antes, a reacção de Laura notou outra coisa, vendo o mesmo medo nas expressões do rapaz e do seu próprio marido. É a tragédia conjugal daquele casal, mas VICTIM não é o filme dessa história.

Maria João Madeira